



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DENYSE FERREIRA DOS SANTOS

**DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS AO CURSO DE LICENCIATURA EM
PEDAGOGIA: TRAJETÓRIAS FORMATIVAS EM ANÁLISE**

JOÃO PESSOA – PB
2023

DENYSE FERREIRA DOS SANTOS

**DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS AO CURSO DE LICENCIATURA EM
PEDAGOGIA: TRAJETÓRIAS FORMATIVAS EM ANÁLISE**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia - Presencial, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Quézia Vila Flor Furtado

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237e Santos, Denyse Ferreira Dos.

Da educação de jovens e adultos ao curso de licenciatura em pedagogia: trajetórias formativas em análise / Denyse Ferreira Dos Santos. - João Pessoa, 2023.

51 f. : il.

Orientação: Quézia Vila Flor Furtado.
TCC (Graduação) - UFPB/CE.

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Acesso e permanência. 3. Ensino Superior. I. Furtado, Quézia Vila Flor. II. Título.

UFPB/CE

CDU 37

DENYSE FERREIRA DOS SANTOS

**DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS AO CURSO DE LICENCIATURA EM
PEDAGOGIA: TRAJETÓRIAS FORMATIVAS EM ANÁLISE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba.

Aprovada em: 12 de Junho de 2023



Prof.^a Dr.^a. Quézia Vila Flor Furtado
Universidade Federal da Paraíba
Orientadora

Prof. Dr. Eduardo Antônio De Pontes Costa
Universidade Federal da Paraíba
Examinador

Prof. Dr. Hermes Talles dos Santos Brunieri
Universidade Federal da Paraíba
Examinador

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLA

CEB - Câmara de Educação Básica

CNE – Conselho Nacional de Educação

CNEA - Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo

EJA - Educação de Jovens e Adultos

ENCCEJA- Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FUNDEF - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério

FUNDEB - O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

MEB - Movimento de Educação de Base

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PNA - Plano Nacional de Alfabetização

REUNI - Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me dado força para conseguir vencer as dificuldades encontradas durante a minha trajetória e sabedoria para lidar com as mais diversas situações, como também sua graça, bondade e misericórdia para comigo. Sem ele, eu nada seria.

Aos meus pais, Divânia e Jessé. Agradeço-os imensamente por terem priorizado a minha educação, que mesmo com as dificuldades – que não foram poucas –, lutaram e venceram os desafios para me manter na escola, e sempre me apoiaram e acreditaram em mim.

A meu marido, Matheus, que foi meu alicerce, que me orientou sobre o processo de matrícula na UFPB, que chorou e se alegrou comigo em todas as situações vivenciadas na universidade. Muito obrigado por não ter me deixado desistir, e por ter mostrado que eu sou capaz.

As minhas irmãs, Dayana e Deborah, meu sobrinho, Guilherme, minha avó, Javanise, e todos da minha família por se orgulharem de mim e me proporcionarem momentos alegres que suavizaram meu percurso, mesmo que indiretamente.

Aos meus amigos, Naldo e Mayanny, por terem me ajudado e tornado mais leve toda essa trajetória. Nosso trio foi essencial. Apesar das dificuldades, juntos conseguimos vencer os obstáculos que encontramos na graduação.

A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Quézia Vila Flor Furtado, por todas orientações e disponibilidade em me direcionar na construção desse trabalho e por ter sido um exemplo de professora, que com toda sua empatia e organização me mostrou a importância de uma educação humanizada.

Aos professores que fizeram a diferença durante essa trajetória, como Maria da Luz, Eduardo Antônio, Maria Adailza, Vilmaria Fernandes, Maria Claurênia, Marinês Andrea, Hermes Talles e Maria Azerêdo. Obrigada por todos os ensinamentos e por serem exemplos de professores que possibilitam um ensino significativo.

“Não fui eu que lhe ordenei? Seja forte e corajoso!
Não se apavore, nem se desanime, pois o Senhor, o
seu Deus, estará com você por onde você andar”.

Josué1:9

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos abrange um público diversificado, que se encontra nessa modalidade com diferentes objetivos, entre eles, o ingresso no Ensino Superior, o que nos direciona analisar e discutir sobre a trajetória desses estudantes no curso de Pedagogia, da Universidade Federal da Paraíba, campus João Pessoa. Dessa forma, este Trabalho de Conclusão de Curso, sob forma de monografia, tem como objetivo geral analisar o processo de inserção dos estudantes advindos da EJA no Ensino Superior, como também especificamente tencionamos: caracterizar os sujeitos da EJA compreendendo a sua trajetória escolar, identificar os aspectos que contribuíram para o acesso dos estudantes da EJA na universidade, verificar os desafios de permanência no Ensino Superior e refletir sobre o papel da universidade no acolhimento desses sujeitos. A abordagem qualitativa foi a escolhida para o processo metodológico deste trabalho, sendo utilizado como procedimento a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, a bibliográfica com base em autores como Arroyo (2017), Freire (2000, 2013), Reis e Muniz (2021), entre outros, e a pesquisa de campo através da coleta de dados que foi realizada a partir de entrevistas sob a técnica áudio-gravação com 4 (quatro) estudantes de Pedagogia e 1 (um) Egresso, todos advindos da Educação de Jovens e Adultos para o Ensino Superior, especificamente no curso de Pedagogia. Como resultado, é possível destacar que os estudantes advindos da EJA possuem uma trajetória escolar muito desafiadora, ainda na Educação Básica precisam conciliar os estudos com trabalho e família. Os entrevistados destacam a importância da escola quando se refere a motivação de buscar o Ensino Superior, além disso a pesquisa mostrou que esses estudantes quando chegam na universidade encontram diferentes desafios que dificultam sua permanência. Muitas dessas dificuldades estão relacionadas tanto à conciliação das diferentes áreas da vida com os estudos, como também se deparam com problemas no desenvolvimento acadêmico. Nesse sentido, o acolhimento por parte da universidade para esses sujeitos ainda não é satisfatório, tendo em vista que a forma que o Ensino Superior está organizado não contempla os estudantes advindos de outras modalidades, como a EJA.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Acesso e permanência; Ensino Superior.

ABSTRACT

Youth and Adult Education covers a diverse audience, which is in this modality with different objectives, among them, the entry into Higher Education, which directs us to analyze and discuss the trajectory of these students in the Pedagogy course at the Federal University of Paraíba, campus João Pessoa. Thus, this Course Completion Work, in the form of a monograph, has the general objective of analyzing the process of insertion of students from EJA in Higher Education, as we also specifically intend to: characterize the subjects of EJA, understanding their school trajectory, identify the aspects that contributed to the access of EJA students to the university, to verify the challenges of permanence in Higher Education and to reflect on the role of the university in welcoming these subjects. The qualitative approach was chosen for the methodological process of this work, being used as a procedure the bibliographical research and the field research, the bibliographical one based on authors such as Arroyo (2017), Freire (2000, 2013), Reis and Muniz (2021), among others, and field research through data collection that was carried out from interviews under the audio-recording technique with 4 (four) students of Pedagogy and 1 (one) Egress, all coming from the Education of Young People and Adults for Higher Education, specifically in the Pedagogy course. As a result, it is possible to highlight that students coming from EJA have a very challenging school trajectory, even in Basic Education they need to reconcile studies with work and family. The interviewees highlight the importance of the school when referring to the motivation to seek Higher Education, in addition to this, the research showed that these students, when they arrive at the university, face different challenges that make their permanence difficult. Many of these difficulties are related both to reconciling different areas of life with studies, as well as problems in academic development. In this sense, the reception by the university for these subjects is still not satisfactory, considering that the way in which Higher Education is organized does not contemplate students from other modalities, such as EJA.

Keywords: Youth and Adult Education; Access and permanence; Higher Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 Breve histórico da EJA no Brasil	14
2.2 Sujeitos da EJA	16
2.3 Estudantes da EJA e o Ensino Superior	19
3 METODOLOGIA	22
3.1 Campo da pesquisa	22
3.2 Sujeitos	23
3.3 Instrumento	23
4 DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS AO ENSINO SUPERIOR	25
4.1 Contexto dos estudantes na EJA	25
4.2 Motivações para ingressar no Ensino Superior	28
4.2.1 A escolha por Pedagogia	30
4.2.2 Acesso à Universidade	32
4.3 Permanência dos sujeitos advindos da EJA no Ensino Superior	34
4.3.1 Desenvolvimento Acadêmico	37
4.3.2 Acolhimento da Instituição	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICES	49
APÊNDICE A – Roteiro para entrevista	50
APÊNDICE B – Termo de Consentimento livre e esclarecido (TCLE)	51

1 INTRODUÇÃO

Apesar da Educação de Jovens e Adultos ser uma área de aprofundamento definida para os estudantes da noite do curso de Pedagogia na UFPB, ter sido uma estudante da EJA que ingressou no Ensino Superior foi o fator determinante para escolha desse tema, o que me direciona a contar um pouco da minha trajetória no âmbito educacional. Os motivos que me levaram a optar pela EJA não foi o atraso na idade dita regular e, sim, questões financeiras, pois comecei a trabalhar quando estava no 2º ano do Ensino Médio, e por se tratar de um estágio que tinha carga horária de 6 horas diárias, dificultou-me estudar nos turnos da manhã e tarde, dessa forma, a única saída foi continuar o 2º ano no turno da noite na mesma escola.

Quando troquei de turno, nos primeiros dias, senti uma diferença muito grande com relação ao comprometimento dos professores. Eu precisava ir de ônibus para estudar, pois morava em uma comunidade que não tinha escola e quando chegava na escola, quase todos os dias, não tinha aula, então, para não ficar prejudicada, decidi trocar de escola e, na nova instituição, só havia a modalidade EJA no turno da noite.

Entrar na EJA foi como conhecer um espaço novo, pois sempre estudei com pessoas da mesma faixa etária que a minha. Na época, eu tinha 16¹ anos e, dessa vez, estava sendo diferente. Nessa turma, em específico, havia muitos jovens entre 20 a 29 anos, porém, também, havia pessoas com a mesma idade dos meus pais, então, era uma turma muito variada. A minha adaptação na Educação de Jovens e Adultos aconteceu de forma muito tranquila. Estudando à noite, não tinha tantas atividades para fazer como quando eu estudava de manhã, porém como eu trabalhava e tinha pouco tempo, ter pouca coisa para fazer facilitava a minha vida.

A preparação para o ENEM também foi um fator muito diferente. Na escola os professores não comentavam sobre isso, entretanto, como eu tinha estudado o 1º ano do Ensino Médio sem ser na EJA, pude vivenciar um pouco disso, tendo em vista que os professores tanto incentivavam escolher um curso, como também preparavam para o ENEM. Dessa forma, eu já possuía esse desejo de ingressar no Ensino Superior antes de estar na EJA, diferentemente dos meus novos colegas de sala que fiz na EJA. Entre eles eu não via nenhuma vontade de ingressar no Ensino Superior.

¹ Nessa época, estudei na EJA sem amparo legal, tendo em vista que, de acordo com LDBEN n.º 9.394/96, no seu Art.38, é destacado que o Ensino Médio na modalidade EJA é destinado para maiores de 18 anos.

Quando contavam o que faziam, no que trabalhavam, expressavam que precisavam da aquisição do diploma porque era importante para poder procurar outro emprego ou ser promovido.

Os fatores de não ter uma preparação, não abordar e discutir os conteúdos não me eram preocupantes naquele momento, entretanto, quando ingressei no Ensino Superior as lacunas deixadas durante o Ensino Médio dificultaram ainda mais as primeiras experiências na universidade. Senti-me extremamente deslocada e tinha a sensação que todos a minha volta tinham estudado aquilo, menos eu.

Quando os professores passavam os trabalhos, eu fazia como se fosse na escola e isso acarretou, em uma das disciplinas do primeiro período, uma exposição, por parte de um professor, da minha falta de entendimento para todos na sala, o que me fez querer desistir da universidade. Eu achava que aquilo não era para mim, entretanto, o apoio dos que me cercavam me deu forças para continuar e tentar concluir pelo menos o primeiro período. Ter continuado comprovou não só para os outros, mas principalmente para mim que aquele lugar também me pertencia na condição de cidadã.

A EJA é uma modalidade de ensino diferente da Educação Básica ofertada de maneira convencional. Considerando as experiências que vivenciei antes e durante o Ensino Superior, essa diferença tornou-se perceptível. Dessa forma tais situações despertaram indagações que me levaram ao seguinte problema de pesquisa: Qual a trajetória dos estudantes advindos da EJA ao ingressarem no curso de Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba?

Em vista disso, o objetivo geral desse trabalho é analisar o processo de inserção dos estudantes advindos da EJA no Ensino Superior e para alcançar esse propósito estipulamos como objetivos específicos: a) caracterizar os sujeitos da EJA compreendendo a sua trajetória escolar; b) identificar os aspectos que contribuíram para o acesso dos estudantes da EJA à universidade; c) verificar os desafios de permanência no Ensino Superior; e d) refletir sobre o papel da universidade no acolhimento desses sujeitos.

Abordar essa temática possibilita não só a reflexão sobre as motivações que impulsionaram esses sujeitos irem além da aquisição de um certificado da Educação Básica, como também despertar o interesse em pensar e contemplar nos componentes curriculares a trajetória e vivência do aluno antes da universidade, considerando que o espaço

da sala de aula, até mesmo no Ensino Superior, é composto por sujeitos advindos de diferentes contextos e realidades sociais.

O trabalho busca contribuir para que os profissionais da educação possam não só estimular os sujeitos da EJA irem além do Ensino Médio, como proporcionar um ambiente que acolha esses estudantes em todos os níveis de educação, seja na escola, preparando-os para o Ensino Superior, como também na universidade, ao proporcionar uma vivência em que apesar das especificidades todos possam sentir-se pertencentes.

A estrutura desse trabalho está dividida em cinco partes, organizada da seguinte forma: inicialmente, esta parte introdutória; na segunda parte, a fundamentação teórica que levanta reflexão acerca da história da EJA, do perfil das pessoas que fazem parte dessa modalidade e a relação desses estudantes com o Ensino Superior; logo após, na terceira parte, será apresentado que percursos metodológicos foram seguidos para realização deste trabalho, sendo especificado o campo de pesquisa, os sujeitos da pesquisa e o instrumento utilizado; na quarta parte, apresenta-se a análise e discussão dos resultados obtidos, sendo destacado o contexto dos estudantes na EJA, as motivações para escolherem ingressar no Ensino Superior, o percurso desde a escolha do curso até processo de matrícula, assim como os desafios de permanência e acolhimento por parte da universidade; por fim, estão as considerações finais deste trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Breve histórico da EJA no Brasil

Ao buscar as primeiras evidências da EJA, no Brasil, a partir das discussões realizadas por Lima e Melo (2019, p. 574), é apresentada uma primeira manifestação de um ensino voltado para os adultos a partir dos Jesuítas, em 1549, quando “[...] os religiosos exerceram ações educativas missionárias, em grande parte, com os adultos.” Apesar de se tratar de um ensino de cunho religioso e não acadêmico, esses são os primeiros indícios de ensino direcionado para esse público em questão.

Analisando de que maneira a preocupação em proporcionar uma educação de adultos vai sendo inserida no nosso país, é notório a associação da EJA ao analfabetismo, tendo em vista, que ela aparece em diferentes marcos com a intenção de diminuir a quantidade de pessoas analfabetas no Brasil. Destacam-se alguns marcos que evidenciam essa associação, como: a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA) de 1958; o Movimento da Cultura Popular (1960); Movimento de Educação de Base (MEB), fundado em 1961; o Plano Nacional de Alfabetização (PNA), em 1964, instruído por Paulo Freire²; e o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), em 1967.

Um marco relevante para a EJA foi a extinção do MOBRAL, um programa que surgiu com o golpe militar e visava apenas ensinar a ler e escrever, com o objetivo de doutrinar a população a favor dos interesses do governo, sendo um grande retrocesso, tendo em vista que, antes do golpe, era propagado uma educação libertadora.

Após o fracasso e extinção do MOBRAL no ano de 1985, iniciou-se a Fundação Educar que, segundo Souza (2007), era uma fundação que tinha como objetivo possibilitar os meios necessários para o desenvolvimento dos programas direcionados a pessoas que usufruíram do acesso à escola. A fundação tinha relação com o MEC e propiciava financeiramente auxílio às prefeituras municipais.

Três anos depois, tivemos como marco a Constituição Federal de 1988, que trouxe no Art. 205 “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988), sendo uma conquista muito importante

² O Plano Nacional de Alfabetização não foi adiante, sendo interrompido na ditadura militar e substituído pelo MOBRAL que tinha uma proposta destituída da criticidade.

para EJA, considerando que, no Art. 208, a Constituição prevê o acesso à Educação Básica de maneira gratuita para todas as pessoas, incluindo os que não conseguiram ter acesso na idade regular. Entretanto, no ano de 1990, o Presidente Collor de Melo, encerrou a Fundação Educar, gerando um retrocesso na Educação de Jovens e Adultos, negando a esse público o direito à educação.

Legalmente, no Brasil, a EJA foi estabelecida como uma modalidade da educação básica em 1996, contemplada na Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDBEN n.º 9.394/96), no art. 37, como uma oportunidade para os jovens e adultos que não conseguiram ingressar no Ensino Fundamental e Médio, na idade regular. Ainda no art. 37, é destacado que “O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si” (BRASIL, 1996).

Dessa forma, é possível destacar no art. 37 que essa modalidade não deve apenas promover o acesso à educação para essas pessoas, mas também possibilitar a permanência na escola, o que nos leva a reflexão acerca de que ações estão sendo feitas para acolher no ambiente escolar esse público que possui singularidades específicas, considerando que essa modalidade é um direito desses jovens e adultos, que por diferentes motivos tiveram que parar ou mudar seu percurso escolar.

Ao falar sobre a trajetória da EJA no Brasil, é imprescindível destacar a importância das Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA, registrada no Parecer CNE/CEB nº 11/2000. No documento (BRASIL, 2000) é apresentado não somente as funções da EJA, os conceitos, e as bases legais dessa modalidade, como também aborda acerca do preconceito com essa parte da população, que consequentemente os direcionam para ocupações desqualificadas no mercado de trabalho. As Diretrizes evidenciam que esses sujeitos possuem um vasto conhecimento em diferentes áreas. Ainda neste documento, a EJA é apresentada como uma,

[...] dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. Ser privado deste acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea. (BRASIL, 2000, p. 5)

O que nos corrobora a pensar na importância da Educação de Jovens e Adultos, tendo em vista, que não se trata de uma “caridade” com esses sujeitos, mas, sim, de uma modalidade que busca reparar essa dívida social que esteve presente ao

longo da história, contribuindo para o distanciamento dos mesmos no convívio social. Sendo necessário um apoio por parte do governo para essa modalidade, que a muito tempo vem sendo excluída, o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF), instituído em 1996, poderia ser um grande avanço para EJA, contribuindo financeiramente, entretanto, como destacado por Castro (2020), essa modalidade não foi beneficiada com os recursos, tendo mais uma vez os sujeitos da EJA a refutação dos seus direitos.

A substituição do Fundef pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) em 2006, a partir da Lei nº 11.494/2007, favoreceu a EJA, tendo em vista que a modalidade foi incluída na distribuição desses recursos, o que não acontecia no Fundef. Porém, além de diminuir as matrículas dessa modalidade, não se tinha garantia que os recursos estavam sendo utilizados realmente na EJA (CASTRO, 2020). Diante desse percurso de luta pela garantia de um direito, cabe ressaltar que,

[...] os jovens-adultos lutam pela escola, pela educação negada, conscientes de que essa negação do direito à educação e à escola é inseparável da negação dos direitos humanos mais básicos como trabalhadores, trabalhadoras, negros, negras, pobres, sem teto, sem terra. Passageiros do trabalho, do subemprego para a EJA, conscientes de que a negação do direito à educação é inseparável da negação dos direitos humanos como coletivos. Mas também a sua persistência em lutar por escola e por educação é uma persistência por libertação como coletivos. (ARROYO, 2017, p.107).

Dessa forma, entendemos que optar pela modalidade EJA é reivindicar um direito previsto na Constituição Federal de 1988. É se apropriar de um espaço que foi negado durante uma longa trajetória, por falta de apoio em direitos básicos, que direcionaram esses sujeitos a situações de exclusões, de subempregos, de discriminação e incerteza. Ao analisar como aconteceu a história da EJA, no Brasil, entendemos que apesar dos avanços, ainda falta muito para considerar essa modalidade suficiente na garantia dos direitos, não só de acesso, como de permanência desses sujeitos na escola.

2.2 Sujeitos da EJA

Os estudantes da EJA possuem especificidades que os diferenciam dos alunos das outras modalidades da educação básica, o que nos indaga a refletir sobre quem são os sujeitos que compõem a EJA? Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional (LDBEN n.º 9.394/96), no Art. 4, conseguimos observar uma pequena caracterização de quem são esses estudantes, quando o artigo, no inciso VII, faz destaque que será garantido aos que trabalham não só o acesso, como a permanência na escola. Diante disso, destaca-se uma das definições para esses sujeitos, como sendo trabalhadores, alunos que não tem só a escola como prioridade, que a escola entra como uma segunda ou terceira opção, considerando que, para sobreviver, precisam trabalhar, conciliando os estudos com trabalho, com família, com casa, entre outros.

A EJA é destinada a uma parte específica do corpo social, cabendo ressaltar que “[...] o pertencimento aos extratos mais empobrecidos da sociedade parece ser uma marca forte na constituição da identidade dos sujeitos da EJA, ou seja, os sujeitos da EJA são os excluídos da sociedade” (SALES; PAIVA, 2014, p.5). Esse aspecto reforça ainda mais a importância da EJA, tendo em vista que, quem faz parte dessa modalidade, são sujeitos que foram e ainda estão sendo negligenciados, pessoas advindas de exclusões, evidenciando uma característica que engloba uma grande diversidade de público, sendo eles jovens, mulheres, homens, trabalhadores, negros, avôs/ós, pais, mães, filhos, donas de casa, integrantes das classes populares. Esses sujeitos embora tenham sido direcionados para EJA por diferentes motivos, estão em busca de um objetivo em comum, concluir a educação básica.

Esses estudantes possuem um conhecimento de mundo advindo da sua trajetória, cabendo pensar a importância da escola aproveitar esses conhecimentos e partir deles para uma prática pedagógica significativa.

É preciso, ainda, que se leve em consideração a trajetória de cada indivíduo anterior ao ingresso na escola, pois os saberes nela adquiridos são construídos a partir da vivência de cada ser e a partir de suas relações com o mundo. (REIS; MUNIZ, 2021, p. 3).

Os jovens e adultos estudantes da EJA possuem características que nos mostram que eles carregam consigo diversos saberes, por serem trabalhadores, de classes populares, com a idade maior a 15 anos, vivenciaram diferentes experiências ao estarem inseridos na sociedade, como também no mercado de trabalho. Dessa forma, o professor tem um papel muito relevante na vida desses sujeitos, pois ele pode ser mediador de um conhecimento que possibilite aos estudantes motivação para serem o que quiserem, e que possam usufruir dos direitos que lhe foram negados durante sua vida.

Por esta modalidade contemplar pessoas jovens, adultos e idosas no mesmo ambiente, temos uma diversidade de perfis e pessoas que estão em diferentes fases da vida. Quando discutimos acerca dos sujeitos que estão inseridos na EJA, quase sempre somos levados a pensar em alguém que parou de estudar ou não teve acesso a escola, e depois escolheu a EJA para retomar o processo de escolarização, porém, muitos dos que são direcionados para essa modalidade, são jovens que não tiveram uma ruptura no seu processo escolar, mas, sim, que foram conduzidos à EJA. São jovens que, como destacado por Martins (2018, p. 27), “[...] estão em sua maioria desmotivados com a escola regular, muitos apresentam um histórico de repetência de anos”. Dessa forma, entendemos que, optar pela EJA, nem sempre é uma escolha do próprio sujeito, os mesmos, podem ser encaminhados para essa modalidade mesmo estando frequentes na escola.

As mulheres também ganham evidência na reflexão acerca de quem são os sujeitos que estão presentes na EJA. Como apontado por Palácios, Reis e Gonçalves (2018), as mulheres, quando se trata da busca por educação, superam a quantidade de homens. Dessa forma, elas compõem uma grande parte dessa modalidade, e além de garantirem um direito ao estarem na EJA, elas reafirmam uma luta que é advinda de muito tempo, da mulher pertencer aos mais diversos espaços na nossa sociedade.

Na EJA, a mulher aparece nos vários cenários da vida social, como mães, donas de casa, esposas, o que evidencia ainda mais a força de vontade presente nelas, tendo em vista que “Quando se refere às alunas, envolvem, além do cansaço relacionado com a dupla jornada de trabalho, questões que recaem sobre o casamento e a maternidade dentre outros motivos” (CAMARGO, 2012, p. 157), o que torna ainda mais difícil a permanência dessas mulheres nesse espaço.

Como vimos nos parágrafos anteriores, a EJA é composta por um grupo muito variado, advindo de diferentes contextos. Conseguimos ressaltar algumas das características desses alunos que nos mostram que esses sujeitos possuem muitas diferenças entre si, entretanto, apesar dessa diversidade é possível apontar algumas semelhanças entre eles, como, por exemplo, são sujeitos excluídos da sociedade, de classes populares e marginalizados, são “Passageiros para mais uma viagem escolar. A última? Esse é o lugar da EJA nas hierarquias escolares: a última porta de emergência no hierárquico percurso escolar a transportar esperanças do último ônibus” (ARROYO 2017, p. 26).

A EJA, como sendo a “última chance” dessas pessoas concluírem a educação básica, é muito perceptível, seja dos que reprovaram, das mulheres que são mães e precisaram parar de estudar para cuidar dos filhos, seja dos que precisam trabalhar, seja dos mais idosos que a escola nunca foi prioridade no seu tempo, todas essas situações apontam a EJA como a última tentativa dessas pessoas, que em sua maioria já chegam na escola desacreditados. Essa posição acarreta nessa modalidade uma responsabilidade ainda maior, pois cabe à EJA realmente garantir a permanência desses sujeitos na escola.

Segundo Arroyo (2017), a escola é apresentada como uma possibilidade de o sujeito alcançar outros percursos, como uma mudança a partir da aquisição do diploma, podendo gerar novas possibilidades de trabalhos. Apesar da escola ser exemplificada como uma oportunidade para concluir o Educação Básica, é importante que esse espaço também possa proporcionar o desenvolvimento desses estudantes enquanto sujeitos críticos e de direitos, que podem não só entrar no mercado de trabalho após concluir seu Ensino Básico, como podem seguir e ingressar no Ensino Superior.

Considerando essa trajetória de exclusão, não podemos definir que a Educação Básica será última parada para estudantes da EJA. Reconhecendo o quanto sua trajetória é marcada por dificuldades e força de vontade, seja de continuar ou de retornar para um percurso interrompido muitas vezes por anos, é essencial que o ambiente escolar, incluindo todos que fazem parte desse corpo, possam ofertar um espaço que seja acolhedor e garanta a permanência desses estudantes durante todo o processo, atentando-se que esse é um direito garantido por lei para esses sujeitos.

2.3 Estudantes da EJA e o Ensino Superior

Como abordado anteriormente a EJA é uma modalidade de ensino garantida por direito e nela temos alunos com diferentes objetivos, alguns almejando a conclusão da educação básica para melhorar as condições de trabalho, como também temos os que buscam ingressar no Ensino Superior. Apesar de se tratar de um outro nível da educação, o ensino vivenciado na Educação Básica está inteiramente ligado ao acesso desses estudantes ao Ensino Superior, tendo em vista que um ensino de qualidade prepara esses sujeitos para não só acessar, como também permanecer na universidade. Como discorrido por Reis e Muniz (2021, p. 3): “A instituição deve conhecer quem é seu público para intervir com práticas de ensino que atendam as

demandas desses estudantes”. Dessa forma, ao conhecer as intenções que os alunos possuem, a escola pode lhes propiciar um ensino muito mais significativo, de maneira a facilitar o percurso desses estudantes em direção ao seu propósito.

Quando discutimos acerca dos estudantes da EJA que tem como meta o ingresso no Ensino Superior, esse conhecimento prévio por parte da escola com relação aos objetivos dos alunos é ainda mais importante, considerando que o ENEM possui questões que esses estudantes em sua maioria não estão familiarizados. Dessa maneira, uma preparação advinda da escola com essa intencionalidade, além de preparar e motivar, mostra que é possível esses alunos estarem e pertencerem a esse espaço da educação, pois apesar dos avanços que tivemos na busca de minimizar a desigualdade presente nesse processo “o número de alunos pertencentes à classe popular que consegue cumprir com as exigências do vestibular é bastante pequeno [...]” (ARAÚJO, 2012, p. 30) transmitindo para muitos a ideia de que ingressar no Ensino Superior é algo muito difícil ou que foge da sua realidade, principalmente quando falamos sobre os sujeitos pertencentes as classes populares.

Ao analisar como se deu a ampliação do acesso à universidade por parte das classes populares no Brasil, é possível destacar alguns programas que viabilizaram essa expansão, como por exemplo o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que foi instituído no decreto Presidencial nº 6.096 de 24 de abril de 2007 que, em seu Art.1, objetiva “[...] criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação” um grande avanço desse segmento, considerando que o programa não pensou exclusivamente no acesso, mas também em um ponto muito relevante nesse espaço que é a permanência dos estudantes.

No ano de 2012, também tivemos a publicação do decreto que sancionou a Lei de Cotas nº 12.711, que reserva uma porcentagem das vagas para candidatos autodeclarados pardos, pretos, indígenas, pessoas com deficiência, como também alunos que estudaram em escolas públicas, entre outros. Sem dúvida essas leis beneficiaram e ampliaram o acesso dos estudantes das classes populares no Ensino Superior, apesar de não serem suficientes, tendo em vista que não é possível “[...] ‘corrigir’ séculos de desigualdade de qualquer ordem, racial ou não, por meio de uma política de custo zero. Afinal a política de cotas não tem custo material algum” (MAGGIE; FRY, 2004, p.77).

Com a ampliação desse acesso, podemos encontrar na graduação grande número de alunos das classes populares, que interligamos diretamente aos estudantes da EJA, considerando que essa modalidade de ensino é composta por pessoas das camadas populares. Sabendo que temos esse público presente na universidade, somos levados a refletir sobre a relação do aluno da EJA e o Ensino Superior: estaria esse espaço pronto para atender estudantes que possuem uma trajetória de vida e educacional tão diferente dos que ingressam no Ensino Superior passando pela educação na idade regular? É possível que na sala de aula esses alunos consigam perpassar as lacunas que foram deixadas durante a Educação Básica? É imprescindível que possamos pensar não só no acesso desses sujeitos a universidade como também na sua permanência, pois,

Quando os estudantes de classes populares ultrapassam as barreiras da seletividade e ingressam na graduação, entram em outros níveis de dificuldades, como a realização das diversas tarefas impostas pelas instituições, que são muito difíceis de serem superadas, além de buscarem ferramentas que possibilite a permanência na faculdade. A necessidade de procurar estratégias para sobreviver no campo, seria o trabalho, que ajuda de modo financeiro, mas acaba prejudicando os estudos, por não terem tempo para estudarem, a realidade dos jovens das classes populares é bastante cruel. (ARAUJO, 2012, p. 32).

Esses estudantes precisam buscar meios que garantam a sua permanência nesse espaço e, por se tratar de pessoas de classes populares, sabemos que a condição financeira é um fator de extrema relevância e determinante, tendo em vista que se trata de uma questão de sobrevivência, sendo necessário que, também nesse nível da educação, eles conciliem o trabalho com o estudo, afetando diretamente o seu desempenho. Apesar da ampliação desse acesso ser muito importante, se durante a graduação o estudante não tiver apoio para permanecer nesse espaço, a probabilidade de desistência é muito grande. Dessa forma, é fundamental viabilizar um ambiente acolhedor, uma estrutura que realmente inclua essas pessoas, que oportunize condições para concluírem a graduação. A educação é um direito de todos, e, como visto em diferentes momentos, nas leis, objetiva-se a permanência dessas pessoas nesses diferentes espaços da educação. Negar esse direito, é retroceder e colocar novamente esses sujeitos em situações de desigualdade e exclusão social.

3 METODOLOGIA

3.1 Campo da pesquisa

Esta pesquisa apresenta uma visão geral sobre a trajetória dos estudantes advindos da EJA ao ingressar no curso de Pedagogia na UFPB, sendo utilizada uma abordagem qualitativa. Como destacado por Chizzotti (2000, p. 79), essa abordagem “[...] parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.” Sendo, portanto, a perspectiva mais viável para este trabalho, tendo em vista que possibilita interpretar as experiências relatadas.

Como procedimento seguimos pela pesquisa bibliográfica que “[...] é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p.156) e na pesquisa de campo a coleta de dados foi realizada através de entrevista que é “[...] a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação,” (GIL, 2008, p.109).

O curso de Pedagogia ofertado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) possui duas áreas de aprofundamento, o Magistério da Educação Especial e o Magistério de Jovens e Adultos. De acordo com o Projeto Político-Pedagógico do curso, a graduação em Pedagogia objetiva

[...] à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, na Educação de Jovens e Adultos, e/ou na Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. (BRASIL, 2006, p. 13).

Sendo o pedagogo capaz de atuar nas mais diversas áreas da educação, nesse trabalho iremos dar destaque a área de aprofundamento Magistério de Jovens e Adultos, que é composta por quatro disciplinas, sendo essas: Fundamentos Históricos da Educação de Jovens e Adultos, Alfabetização de Jovens e Adultos, Educação e Movimentos Sociais e o Estágio Supervisionado Educação de Jovens e Adultos. A matriz curricular do curso também conta com a disciplina Educação de Jovens e Adultos, sendo um componente obrigatório.

No Projeto Político-Pedagógico do curso, versão de 2006, é possível verificar as motivações que direcionaram a criação da área de aprofundamento em EJA na

UFPB, sendo a transformação social um desses fatores, proporcionando a visualização do adulto como sujeito histórico. A falta de profissionais da educação com uma formação própria para essa modalidade também foi uma dessas motivações, tendo em vista a gradual demanda de atendimento para jovens e adultos.

3.2 Sujeitos

A pesquisa contou com a contribuição de cinco participantes, sendo quatro do curso de Pedagogia que estão no processo de graduação, e uma pedagoga com formação em Pedagogia - Educação do Campo. Os participantes foram escolhidos com o critério de terem sido estudantes da EJA que ingressaram no curso de Pedagogia na UFPB, e a quantidade foi delimitada por ser um número de pessoas que acreditamos ser suficiente para obter uma pesquisa bem estruturada.

A fim de manter em sigilo os nomes dos participantes entrevistados, a identificação será feita com nomes fictícios. Para criar um padrão, optamos por nomear a partir de flores, sendo utilizado para identificação as seguintes opções: Orquídea, Rosa, Lavanda, Lírio e Margarida, correspondendo assim as cinco pessoas entrevistadas.

3.3 Instrumento

A pesquisa de campo se deu a partir da realização de entrevistas presenciais, que segundo Ludke e André (1986) é uma técnica vantajosa, tendo em vista que permite o entrevistador interagir diretamente com o entrevistado, adaptando as conversas de maneira a conseguir as informações desejadas. Para realizar a coleta dos dados foi utilizado como espaço a casa dos participantes, como também as salas do Centro de Educação na UFPB e para registrar as respostas foi usado a técnica de gravação por áudio.

Foram elaboradas e definidas nove que visam conhecer a trajetória dos estudantes com o Ensino Superior, tanto na preparação para ingressar nesse espaço, como também o seu acesso e permanência. Por se tratar de uma entrevista com questões estruturadas, as seguintes perguntas foram feitas para todos os sujeitos:

- Que séries você estudou na EJA?
- Quais foram os motivos que te direcionaram para estudar na EJA?
- Por que você parou de estudar anteriormente? O que motivou a voltar a estudar?

- Quais aspectos contribuíram para você escolher ingressar no Ensino Superior? Houve alguma motivação por parte da escola?
- Por que você escolheu o curso de Pedagogia?
- Como aconteceu o processo de matrícula, teve algum desafio?
- Quais os desafios ultrapassados para você estar permanecendo no Ensino Superior?
- Estando na sala de aula, você conseguiu perceber alguma dificuldade por ter sido estudante da EJA que os alunos do ensino dito como regular não apresentaram?
- Como foi o acolhimento por parte da instituição para você?

Após realizar as entrevistas e coletar os dados necessários, realizamos a análise dos dados que “[..] tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto na investigação” (GIL, 2008, p.156). Como nesse trabalho optamos por uma análise qualitativa, não existe um passo a passo definido para realização da mesma, cabendo ao pesquisador escolher o trajeto que mais se adequa a seu perfil (GIL, 2008). Apesar de não acontecer a delimitação de um caminho específico, de maneira a facilitar esse processo, separamos a análise dos dados em três etapas (MILES; HUBERMAN, 1994 apud GIL, 2008) sendo essas: redução, apresentação e conclusão/verificação.

A redução corresponde ao momento de simplificar os dados. Nesta fase foi feita a seleção das informações adquiridas a partir das entrevistas. Dessa forma, dispomos os dados em uma tabela, de maneira a possibilitar uma melhor visualização para os passos seguintes. A etapa de apresentação abrange a organização dos dados que simplificamos no processo anterior para análise, sendo assim, separamos as respostas dos entrevistados em blocos, e utilizamos as semelhanças e diferenças como fator para sistematizar essas informações. E, por fim, a conclusão/verificação que aconteceu a partir da busca em dar significado aos dados obtidos, para isso realizamos a análise desses dados buscando associar as informações obtidas com o referencial teórico.

4 DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS AO ENSINO SUPERIOR

Neste capítulo serão apresentados análise e resultados referentes a nossa pesquisa de campo. Como abordado anteriormente, realizamos a entrevista com cinco pessoas, sendo um egresso e quatro estudantes de Pedagogia, todos advindos da EJA para o curso de Pedagogia, campus I, na Universidade Federal da Paraíba. A entrevista seguiu um roteiro com questões estruturadas e para expor esses resultados separamos a análise em três blocos: o primeiro destaca o contexto desses sujeitos ainda na EJA; o segundo aborda as questões relacionadas ao acesso no espaço acadêmico; e o último tópico apresenta os desafios de permanência no Ensino Superior.

4.1 Contexto dos estudantes na EJA

Com o intuito de apresentar quem são os entrevistados, inicialmente vamos mostrar em que etapa esses sujeitos estiveram na EJA.

Tabela 1: Etapas que estudaram na EJA

Orquídea	Rosa	Lavanda	Lírio	Margarida
Ensino Médio	Ensino Médio	Fundamental 2 e Ensino Médio	Ensino Médio	6º e 7º ano na EJA, os demais ENCCEJA ³

Fonte: Dados coletados na pesquisa entre fev-mar/2023

Após a coleta de informações introdutórias, a segunda questão feita para os participantes buscou abordar os motivos que os direcionaram para Educação de Jovens e Adultos. Diante dessa pergunta, as respostas obtidas exibem diferentes razões, como, por exemplo, as de Orquídea, Rosa e o Lírio que trouxeram questões semelhantes em relação a motivação. Orquídea disse:

Eu estava sentindo dificuldade, assim, no trabalho, até para conversar com as pessoas sobre determinados assuntos que não era do meu conhecimento. Eu não dominava, né?, e eu precisava concluir, eu precisava entrar numa universidade. (ORQUÍDEA)

Rosa destacou:

Ter um curso superior, para voltar aos estudos e, até mesmo, incentivar os meus filhos. (ROSA)

³ O ENCCEJA é uma prova que os jovens e adultos que não concluíram a Educação Básica pode fazer para conseguir o certificado de conclusão.

E Lírio respondeu que, quando as filhas ingressaram na universidade, passou mais tempo nesse espaço, contribuindo para seu retorno, ao responder que,

Por conta delas, vindo deixar, vindo buscar, participando de algumas coisas aqui com elas e, aí, me bateu um pensamento, por que não eu ocupar esse meu espaço na UFPB, né? E aí procurei me informar, encontrei o EJA, aqui. (LÍRIO)

É possível observar nas respostas dos três entrevistados, que a motivação foi o ingresso no Ensino Superior, o que criou uma semelhança em suas respostas. Entretanto, as circunstâncias que criaram esse desejo foram diferentes, Orquídea foi a partir das dificuldades relacionadas ao seu trabalho e sua comunicação, Rosa queria incentivar os filhos, enquanto Lírio foi incentivado pelas filhas.

Já Lavanda apontou um motivo diferente:

Quando eu fui cursar o sexto ano não poderia mais por conta da idade e, aí, eu tive que ser obrigada a estudar na EJA com 13, 14 anos, à noite. (LAVANDA)

Diferentemente das respostas anteriores, Lavanda não escolheu a EJA, mas, sim, foi direcionada pela escola. O motivo do direcionamento foi a idade da estudante.

Seguindo a exposição das respostas, temos a motivação de Margarida:

O que me motivou foi eu parar para pensar que eu não dava certo, eu não me adaptava com um trabalho, onde me contratavam pra fazer alguma coisa e depois fazia outra. Eu ia ser contratada pra ser recepcionista e me colocavam pra limpar o chão ou vou lavar um banheiro, só que a minha função não era essa. Então, eu ficava me questionando por que minha função, que me contrataram, não está se adequando àquilo e eu não aceitava isso pra mim. Então, eu nunca deixei à vontade de estudar, sempre quis estudar, sempre tive a vontade, só que eu não sabia mais como ter esses meios, como ir e conseguir fazer. (MARGARIDA)

Apesar de Margarida não ter realizado a conclusão na EJA e, sim, no ENCCEJA, sua resposta não deixa de evidenciar a fonte da motivação para concluir a Educação Básica, sendo nesse caso, a consciência crítica da sua realidade, ao ser direcionada para atividades que não estavam na sua função. Relembrando o que Arroyo (2017) discute, a escola traz uma promessa de mudança de lugar social, dessa forma, assim como Margarida muitos retornam aos estudos com essa esperança.

Diante das respostas obtidas sobre as motivações que levaram esses sujeitos de volta à sala de aula, se torna ainda mais evidente os aspectos apresentados no tópico 2.2 Sujeitos da EJA: essa modalidade abarca um público muito diverso, que chega à escola com diferentes objetivos, o de melhorar de trabalho, de ser exemplo

para os filhos, de ingressar no Ensino Superior, e temos também os que não tiveram escolha, que são direcionados para essa modalidade para terminar na “idade certa”.

Para compreender quem são os sujeitos da EJA, Reis e Muniz (2021) afirmam que é essencial considerar o itinerário desses estudantes antes mesmo de estarem inseridos no ambiente escolar. Dessa forma, além da motivação para voltar aos estudos, questionamos o que ocasionou a interrupção no percurso escolar. Entre as respostas dadas na entrevista, apenas uma, Lavanda, relatou que não parou de estudar e apresentou o seguinte motivo:

Na verdade, eu não parei, né? Eu fui obrigada a parar, por conta da minha idade. Meus pais viajavam muito e acabou atrasando a minha série normal. (LAVANDA)

O caso descrito por Lavanda não se trata de uma situação isolada, como abordado por Martins (2018, p .27), “É alarmante o crescente número de jovens presentes nos diversos espaços da EJA.” A juvenilização na EJA tem se tornado um fator comum nessa modalidade. Cabendo destacar que o direcionamento na EJA foi feito para a entrevistada com 13,14 anos, uma idade que não é abrangida pela LDBEN n.º 9.394/96, tendo em vista que, no seu Art.38, é ressaltado que o Ensino Fundamental na EJA é para maiores de quinze anos.

Os demais entrevistados nessa pergunta apresentaram em suas respostas uma causa em comum, que foi responsável pela pausa nos estudos, a necessidade de trabalhar:

E, aí, eu comecei a trabalhar e tal, e atrapalhou tudo. Aí, desandou os estudos (risos). (ORQUÍDEA)

Parei por questão de trabalho. (ROSA)

Eu ajudava meu pai em algumas coisas e, muitas vezes, era ajudante de pedreiro dele, então a escola ela nunca foi, assim, algo de prioridade em casa. Então estava estudando, de repente a barra apertava [...]. Depois abandonei a escola várias vezes, não foi só uma vez, por conta da necessidade mesmo, né?, e, depois, também porque a escola não tinha um significado na minha família. (LÍRIO)

Então, quando eu fiz 18, eu fui trabalhar. Aí, ao trabalhar, eu não consegui lidar com o trabalho, casa e estudo, eu ia para o EJA, eu dormia. (MARGARIDA)

Tais respostas reafirmam uma problemática que é predominante na Educação de Jovens e Adultos, “Muitos abandonam seus estudos para trabalhar, porque, para eles, estudar é um processo longo e demanda tempo [...]” (REIS E MUNIZ 2021, p. 5).

Como discutido na fundamentação teórica, estamos falando dos sujeitos das classes populares, que precisam priorizar seu trabalho, pois é dele que vem seu sustento.

Nas respostas de Orquídea e Margarida, apesar do trabalho ser um dos fatores que fizeram com que o percurso escolar fosse pausado, outro motivo se evidenciou em suas respostas, fator esse que se assemelha entre muitas mulheres presentes na EJA:

O que me levou a parar foi a maternidade. Quando eu fui mãe, eu sempre achei, assim, que para você ser mãe, você tem que ser mãe completa, por completo. (ORQUÍDEA)

Então, eu comecei a reprovar, reprovei um ano, depois, tentei novamente, consegui. Aí engravidei, engravidei, e parei de estudar. Aí parei de estudar até fazer 17. (MARGARIDA)

A mulher está presente nos mais diversos espaços da sociedade é a resposta de uma luta muito árdua e constante, entretanto, a representação que é dada a mulher como exclusivamente dona de casa e mãe, ainda existe no nosso meio social. Dessa forma as mulheres “[...] tomam para si a responsabilidade de criar os filhos, o que pode se tornar um problema ou empecilho para trabalhar ou estudar” (PALÁCIOS; REIS; GONÇALVES, 2018, p. 115).

Nesse tópico, a partir das situações relatadas pelos entrevistados, foi possível comprovar o que argumentamos anteriormente, sobre quem são esses sujeitos presentes na EJA: são pessoas pertencentes as classes populares e que tiveram seus direitos básicos negados; mães que tiveram que deixar a escola de lado, para cuidar do filho, como ressaltado por Orquídea e Margarida; trabalhadores como Orquídea, Rosa, Lírio e Margarida que tentam conciliar o trabalho com o estudo, e também adolescentes que não tiveram escolhas, como enfatizou Lavanda.

4.2 Motivações para ingressar no Ensino Superior

O Ensino Médio é o período no qual os professores normalmente direcionam seus ensinamentos a fim de preparar os alunos para o ENEM, possibilitando que, nesse espaço, aconteça uma motivação para ingressar no Ensino Superior. Dessa forma, buscamos saber dos entrevistados que aspectos contribuíram para escolha do ingresso na universidade e se houve motivação por parte da Escola.

Lírio, por estar em contato com o espaço universitário por conta das suas filhas, já possuía o desejo de fazer parte desse ambiente, entretanto, ele é um artesão que

trabalha com a criação de brinquedos e jogos, e o Ensino Superior para ele podia possibilitar uma outra experiência, relacionada ao seu trabalho.

Eu queria compreender como, também, o que eu faço contribui para o desenvolvimento das pessoas. Sempre tive essa vontade, e isso também foi um grande elemento que até hoje perdura. (LÍRIO)

Ingressar na universidade para Lírio era uma oportunidade de compreender-se enquanto artesão, mesmo que a criação de jogos e brinquedos fosse parte do seu cotidiano, ele viu na educação uma oportunidade de entender sua contribuição. Freire (2013, p. 22) esclarece que o homem “[...] é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca”. E na fala de Lírio é possível observar todos esses elementos.

Com relação a motivação vindo da escola, Lírio relatou que, quando criança, no Ensino Fundamental a escola não o incentivava:

Pelo contrário, a escola sempre achou, pelas experiências que eu tive, que eu não servia para estudar. (LÍRIO)

Porém, quando entrou na EJA sua experiência foi muito diferente:

Quando eu cheguei na EJA, eu encontrei, na verdade, nessa experiência aqui da UFPB, todos os professores me diziam que queria me ver como colega, né? Aquilo (emocionado) me motivou pra caramba, entendeu? ‘Ah, você tem que tentar.’ ‘Mas, rapaz, você fala bem, você tem um discurso, bacana. Não sei por que você não tá!’. E me encheram a bola, assim, e eu comecei a me sentir aqui. (LÍRIO)

Segundo a entrevistada Orquídea, a escolha de buscar o Ensino Superior foi para acompanhar o tempo, mas na sua escola existiam professoras que a motivavam:

A professora sempre dizia: ‘olha, não adianta vocês só concluírem o Ensino Médio e não fazer nada depois. Vocês têm que concluir o Ensino Médio, fazer uma universidade’. (ORQUÍDEA)

Perceber na fala de Lírio e Orquídea que na Educação Básica eles/as tiveram incentivo é muito inspirador. Na EJA, foram incentivados a sonhar, a ter esperança. Freire (2013, p. 25) defende que “Uma educação sem esperança não é educação.” Pelo relato deles/as, conseguimos destacar que essa motivação vinda por parte da escola, direciona esses/as alunos/as a buscarem algo além e abre possibilidades de sonhos.

Rosa e Lavanda também passaram por situações semelhantes as evidenciadas acima, Rosa destacou que esse incentivo vinha,

Principalmente da professora de redação (ROSA)

Enquanto Lavanda revelou que,

Tinha algumas professoras que nos motivava, mas nada muito profundo, não.
(LAVANDA)

Quase todos os entrevistados tiveram incentivo por parte da escola, exceto Margarida que concluiu a Educação Básica pelo ENCCEJA. Entretanto, ela destacou o seu incentivo vindo de uma outra forma, a partir de uma pessoa com quem ela se relacionava na época:

Ele que me direcionou. Ele que me disse: 'olha é possível você conseguir'. E, aí, ele me trouxe para universidade e me mostrou a universidade.
(MARGARIDA)

Diante dos casos relatados, é possível perceber como a escola e todos que compõem esse espaço, tem um papel significativo na vida desses sujeitos, cabendo ressaltar que um dos principais focos da educação,

[...] é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente de repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a ela se propõe. (PIAGET, 1970, p. 28).

Dessa forma, entendemos que a escola pode ser mediadora de um conhecimento que possibilite os estudantes motivação para serem o que quiserem. Essa importância fica evidente diante das respostas dadas pelas pessoas entrevistadas, uma educação voltada a desenvolver o senso crítico e reflexivo dos alunos, permite que esses sujeitos se reconheçam enquanto pessoas de direito, e que esse direito à educação vai além da Educação Básica.

4.2.1 A escolha por Pedagogia

O objetivo deste tópico consiste em esclarecer como se deu a escolha pelo curso de Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba. Quando questionados sobre o quê, o porquê do curso de Pedagogia ter sido a opção dos participantes, as respostas de Margarida, Lírio e Rosa nos revelaram que esse curso não foi inicialmente a primeira escolha,

De início eu queria Psicologia. (MARGARIDA)

Inicialmente eu não escolhi Pedagogia. Eu escolhi Ciência das Religiões. (LÍRIO)

Eu queria fazer Direito, não Pedagogia. (ROSA)

Como destacado nas falas acima, o curso de Pedagogia, não foi a primeira opção dessas pessoas, sendo assim, indagamos o motivo que provocou a mudança de curso, e os participantes apresentaram respostas diferentes. Margarida relatou que conhecer a grade do curso foi importante para levá-la trocar de opção.

Eu peguei a grade curricular, então quando eu vi aquilo, eu disse é isso que eu quero para mim. (MARGARIDA)

Entretanto, o que ela passou enquanto estudava, ter sido mãe na sua juventude, aumentou essa vontade de cursar Pedagogia,

Eu disse, não, é Pedagogia o que eu quero, porque eu tinha tanta dificuldade de acompanhar a minha sala, porque eu tinha muito problemas. Então aquilo, ali, eu disse, 'como eu tive tantos problemas, eu posso pegar essa minha experiência e com o curso de Pedagogia ajudar mais pessoas, e ajudar alunos que tinham a mesma dificuldade que eu'. (MARGARIDA)

Na fala de Margarida, ela relaciona a sua escolha por Pedagogia com o que passou enquanto estudante. Ela vê na educação a possibilidade de fazer diferente, de ajudar pessoas com dificuldades, de mostrar que apesar dos problemas todos somos capazes, e esse pensamento, exposto por ela, retrata o nosso papel enquanto pedagogos e o papel da educação, considerando que “[...] se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p. 27).

No caso de Lírio, ele ingressou na UFPB no curso de Ciências das Religiões, e enquanto participava com uma professora de um projeto sobre a teoria do imaginário, refletiu sobre o curso de Pedagogia,

No final de um projeto do PIBIC, a gente avaliou, tanto ela como eu. Nós concluímos que eu sempre fui pedagogo, o que me faltava era qualificação, porque a minha prática, eu sempre trabalhei, né?, por aí a fora. Trabalhei com brinquedo, dando cursos em presídios, eu ia ensinar a fazer coisas, as coisas que eu sabia, só que eu não tinha qualificação, assim, como tenho hoje, né? (LÍRIO)

Rosa trocou a opção de cursar Direito pelo curso de Pedagogia, enquanto ainda estava na escola,

Vivendo com professores nas escolas, me chamou atenção essa questão do aprender, de ensinar. Então foi como um chamamento, a Pedagogia que me escolheu, não eu que escolhi ela. (ROSA)

Na fala de Margarida, Lírio e Rosa, apesar de se tratar de diferentes situações, destaca-se o quanto as experiências de vida influenciaram na escolha do curso para esses sujeitos. Eles enxergaram um sentido na Pedagogia.

Diferentes das entrevistas apresentadas anteriormente, Orquídea sempre quis ser pedagoga, e revelou o motivo do curso ter sido sua prioridade:

A Pedagogia ela traz tudo, é como se fosse um kit de saber, porque na Pedagogia você vê Psicologia, você vê Filosofia e essas disciplinas elas abrem a mente da pessoa e elas fazem você pensar e decidir o que realmente você quer. Por isso eu escolhi a Pedagogia. (ORQUÍDEA)

Já no caso da Lavanda ela relata que não queria ter escolhido Pedagogia, e explica o motivo de estar no curso,

Foi o único curso que eu passei na época, eu não gostava de Pedagogia, mas acabei gostando muito, me surpreendeu. (LAVANDA)

Na resposta dada por Lavanda, a entrevistada explica que entrou no curso que sua nota do ENEM permitia. Zago (2006, p. 231) constatou em sua pesquisa que “[...] a escolha do curso geralmente recai naqueles menos concorridos e que, segundo estimam, proporcionam maiores chances de aprovação.” Essa situação relatada por Lavanda acontece, pois estar no Ensino Superior é o maior prestígio, independente do curso que abra essa possibilidade. Araújo (2012) discute que ainda é pequeno o número de alunos das classes populares que atinge os requisitos do vestibular. Dessa forma, tais situações direcionam que esses sujeitos não tenham tanta escolha.

4.2.2 Acesso à Universidade

Nesta etapa, vamos entender como aconteceu o processo de matrícula dos entrevistados, se tiveram alguma dificuldade ou se foi um processo tranquilo e de fácil execução.

Orquídea em sua fala expôs não encontrar problemas para realizar a matrícula:

Não, não tive dificuldade nenhuma. Eu fiz apenas o que a universidade me pediu. A documentação, eu fui atrás e não demorou muito. (ORQUÍDEA)

Entretanto, para Lavanda e Lírio esse processo aconteceu um pouco diferente, ambos entraram pelo sistema de cotas e afirmaram que tiveram, sim, dificuldades, com relação à matrícula,

Oxe, um bocado. Eu não sabia nem onde era bloco A, B, C, D. Essa questão também do Pardo que a gente tem que fazer a declaração, como eu tinha participado por cota eu não sabia nem como era que fazia. Então, tudo às escuras. Quando a gente chega aqui não sabe nem seu nome se brincar. (LAVANDA)

Tive, tive muita dificuldade. Gastei um pouco, porque naquele momento, eu precisava comprovar que era negro, porque eu entrei pelas cotas, né? E, aí, teve que ir para cartório, comprovar minha renda, levar a Declaração dos filhos, da esposa, todo mundo assinar as coisas, foi terrível, porque nem tinha grana e era novidade para mim esse negócio, era difícil. O tempo correndo, desespero com medo de perder, numa ansiedade danada, mas deu certo. (LÍRIO)

As respostas dadas por Lírio e Lavanda abordam um fato interessante, como elencado no tópico “Estudantes da EJA e o Ensino Superior”, a Lei de cotas sancionada em 2012, ampliou o acesso das classes populares à universidade, porém diante do relato desses estudantes, é possível notar que o ingresso ao Ensino Superior mesmo que ampliado, não é tão fácil assim “[...] ainda existem muitas dificuldades para os jovens que possuem pouco capital cultural [...]” (ARAÚJO, 2012, p. 35). Por mais que vejamos esse aumento de estudantes da EJA entrando na universidade, se trata de um percurso cheio de desafios.

Por ter realizado a conclusão da Educação Básica por meio do ENCCEJA, o processo de matrícula da Margarida apresentou uma outra dificuldade, a instituição responsável por entregar o certificado estava com problemas no sistema:

Eles não estavam conseguindo emitir o certificado. Quando eu cheguei aqui que eu fui falar a situação tudo, eles disseram: ‘não, você não pode. Você não tem certificado. Então você não vai conseguir se matricular. Vai ficar faltando documentação’. Aí, essa pessoa que eu estava já sabia, porque tinha vindo antes da gente vir fazer a matrícula. Ele procurou, tipo, as cláusulas com relação ao certificado. Aí, ele disse: ‘não, ela pode sim fazer a matrícula dela, porque os alunos têm o direito de até 190 dias para entregar documentações que faltam’. Aí, eu tive que ir na Reitoria, pedir uma autorização da Reitoria para poder fazer minha matrícula. (MARGARIDA)

Margarida em sua fala ainda reforçou um motivo importante no seu processo de matrícula, que sem a ajuda da pessoa que ela estava em um relacionamento, na época, não teria conseguido:

Eu tinha perdido, né?, porque eu tive que ir na Reitoria. Eu não sabia nem onde era Reitoria, não sabia de nada. Imagina uma pessoa que não tem ninguém que ajude? Que acompanhe em relação a isso? Esse processo foi bem agonizante (risos). Eu falei, ‘meu Deus, eu não sei o que eu faço’. Então

eu consegui e depois eu fui entregar meu certificado lá na Reitoria, senão eu não tinha nem conseguido fazer a matrícula. (MARGARIDA)

O questionamento feito por Margarida, é preocupante, como relatado pela entrevistada. Ela conseguiu, porque teve alguém para ajudá-la, que buscou leis que garantissem que sua matrícula tivesse êxito. Tal situação não era para existir, considerando que ela tinha direito a essa vaga, como também estava acobertada pela lei sobre o prazo de apresentação dos documentos.

Assim como Margarida nos indagamos sobre os que não têm essa ajuda, os que não conhecem os seus direitos. Arroyo (2017, p.107) enfatiza que “[...] a negação do direito à educação é inseparável da negação dos direitos humanos como coletivos.” Nesse caso, entendemos que a ampliação do acesso não é suficiente, se faz necessário que todos os processos que incluem o ingresso na universidade, como, por exemplo, a matrícula garanta que esses sujeitos possam usufruir de um direito que é seu.

4.3 Permanência dos sujeitos advindos da EJA no Ensino Superior

Como enfatizamos anteriormente, o acesso à universidade por parte das classes populares foi ampliado, de maneira a possibilitar a um maior número de pessoas advindas desse contexto conseguir o ingresso nesse espaço. Nos tópicos acima apresentamos a trajetória desses estudantes ainda na EJA até o processo de matrícula. Nesse momento, iremos conhecer os desafios que os nossos entrevistados ultrapassaram para permanecer no Ensino Superior.

Quando questionados acerca dos desafios encontrados ao ingressaram na universidade, as respostas de Orquídea, Rosa e Lavanda apontaram para um desafio em comum:

Foi conciliar os três, trabalho, família e universidade, porque os períodos eram outros, sabe? Eu saia de um, já ia para outro. Eu até perdi peso, porque não tinha tempo de comer direito. Às vezes, eu fazia a comida em casa e nem tinha tempo de comer, já saía correndo, sabe? E o desafio foi isso, foi o tempo, né?, para conciliar tudo. (ORQUÍDEA)

Conciliar tudo, né?, porque eu trabalho e estudo, e tenho que dar conta de casa, de filho. Então, esse é o meu desafio. (ROSA)

Conciliar estudo com trabalho e família, ao mesmo tempo. Então, como eu já tinha filha, quando eu comecei a estudar, aqui, eu não tinha muita escolha: tinha que estudar e trabalhar e dar conta de tudo. (LAVANDA)

O depoimento dado pelas entrevistadas reforça uma discussão presente em todo este trabalho. Nesse caso, em específico, estamos abordando os desafios encontrados por estudantes advindos da EJA, como exposto nos primeiros tópicos sobre as características dos sujeitos presentes nessa modalidade. Os alunos da EJA por se tratar de jovens e adultos, necessitam trabalhar para ter seu sustento, e são essas mesmas pessoas que estão presentes no Ensino Superior.

É um grupo que advém de pessoas trabalhadoras, que precisam conciliar trabalho e educação, e no caso das mães, acrescenta-se a questão de cuidar dos filhos e da casa, fator apontado pelas entrevistadas. Esse desafio implica diretamente nos resultados desses estudante, como enfatizam Portes e Sousa (2012, p.5) “A necessária conciliação de trabalho e estudo para determinados sujeitos das camadas populares que ingressaram nas universidades pode impedir que estes estudantes vivam a experiência universitária de forma plena”. Esse fator pode desestimular os ingressantes ao se comparar com pessoas que não necessitam dessa conciliação.

Margarida apresentou um desafio diferente dos citados anteriormente, mesmo usufruindo de um direito, estando em conformidade com a lei, por não ter concluído a Educação Básica da forma dita como regular, ela não se sentia pertencente a esse espaço,

Maior desafio foi: primeiro, me senti uma intrusa, né? Eu tenho essa situação de, ‘nossa, eu não sou igual essas pessoas’, tipo, ‘eles passaram pelo Ensino Médio e tudo bonitinho, direitinho. Eu não sou isso, eu não fiz isso e eu não tenho experiência nenhuma’. (MARGARIDA)

E continuou relatando um outro desafio encontrado na execução das atividades,

Apresentar o primeiro seminário, por quê? Meu Deus, eu não sabia. Eu sabia o que eu ia ler, estava tudo direitinho, mas eu tremia tanto, tremia tanto, eu fiquei com vontade de chorar na hora. A voz não saía de tão nervosa que eu estava, porque, mesmo que a gente faça EJA, que a gente esteja na escola pública, não tem esse costume de você chegar apresentar um trabalho na frente da sala. (MARGARIDA)

É interessante destacar o sentimento de Margarida ao estar em sala, mesmo que seu acesso à universidade tenha se dado da mesma forma dos demais, pelo processo do ENEM, tendo uma pontuação suficiente para ingressar no curso, ela se sentiu uma intrusa por não ter concluído “direitinho” o Ensino Médio e isso colocou em dúvida sua capacidade. Entretanto, a nosso ver, a trajetória realizada por Margarida a faz ainda mais pertencente a esse espaço, pois apesar dos desafios encontrados

durante toda sua Educação Básica, ela não desistiu de concluir e ingressar na universidade.

Em continuidade sobre os desafios que estão sendo ultrapassados para permanecer no Ensino Superior, as respostas dadas por Lavanda e Lírio, apontam para uma problemática que difere dos demais. Lavanda apesar de ter dificuldade em conciliar trabalho, estudo e atividades domésticas, revelou um desafio que para ela é ainda mais árduo:

Mais difícil mesmo foi a questão financeira, porque está no Ensino Superior já é um desafio, agora você permanecer no Ensino Superior são dois desafios, porque tem a questão de transporte, alimentação, são materiais que a gente precisa estar tirando xerox. Muita coisa que a gente quando está fora não sabe que tem esses custos, né? Então, a questão financeira pesou. (LAVANDA)

Lírio também expôs como desafio de permanência questões financeiras,

Um desafio foi permanecer, porque eu moro no bairro da Periferia no Alto do Mateus, e tenho que vir ou de ônibus ou de transporte. Então, tive muita dificuldade ao longo desse percurso, porque nem sempre eu tinha condições. Eu sou pai de família, hoje estou mais tranquilo, mas nem sempre foi assim. Então, estar aqui, permanecer aqui, foi pior do que do que chegar. E outra coisa são os gastos. A universidade é pública, mas a gente tem gastos com xerox, a gente precisa ter computador, nada disso eu tinha, e eu tive que adquirir isso nesse processo. Quando a gente vai olhando direitinho, ela não é tão pública né? (LÍRIO)

Ele ainda destaca o sentido de pública de acordo com seu ponto de vista,

Ao meu ver, pública é diferente de ser para as pessoas. Hoje compreendo que público é você estar, permanecer e que essa coisa de alguma forma não lhe deixe sair de jeito nenhum e a universidade, a gente percebe, que ela não está muito preocupada em você estar, permanecer ou sair ou não, né? Na prática, não tem essa coisa não, se saiu, saiu, né? É você lutando e sozinho. (LÍRIO)

O permanecer propriamente dito é o desafio para Lavanda e Lírio, a partir dos seus relatos. Entendemos que as condições financeiras é um fator preocupante, como abordam Portes e Sousa (2012, p.6) “[...] abrirem-se as portas da universidade para que eles ingressem nela não é suficiente. É preciso que, através de políticas de assistência estudantil, sejam garantidas melhores condições materiais e culturais”. Dessa forma, nos questionamos se a assistência estudantil está chegando e contemplando a todos que compõem o espaço universitário. Não pensar na permanência desses sujeitos, é desacreditá-los, depois de um processo tão longo de formação, marcado por exclusões.

Quando Lírio enfatiza em sua fala que “na prática não tem essa coisa não”, ele destaca que a universidade não está preocupada se o estudante desiste do seu curso. Tal afirmação nos direciona a pensar que o direito à educação, as garantias de acesso e permanência não estão sendo consolidados. Acreditamos, assim como afirmam Portes e Sousa (2012, p.13), “[...] que a democratização do acesso aos bancos das universidades deve vir acompanhada da democratização do acesso ao conhecimento e do direito à permanência dos estudantes para que possam concluir seus cursos”. E diante desses relatos, salientamos que esses sujeitos não usufruíram desse direito à permanência, como Lírio aponta, “É você lutando e sozinho”.

4.3.1 Desenvolvimento Acadêmico

Sabendo que os estudantes da EJA possuem especificidades e que seu percurso escolar é diferente dos alunos que não passaram por essa modalidade, questionamos os entrevistados se, na sala de aula, nos primeiros períodos, eles conseguiram perceber alguma dificuldade por ter sido estudante da EJA em relação aos demais do ensino dito como regular não apresentaram. A dificuldade com relação as atividades apareceu na resposta de quase todos. Orquídea apontou também um problema relacionado à internet:

Foi para fazer as atividades, porque tinha coisas, assim, que, para mim, era totalmente desconhecido, sabe? Principalmente essas coisas, assim, de internet. (ORQUÍDEA)

Já Rosa colocou em destaque o tempo que passou sem estar na escola:

Muitas, muitas dificuldades. Em questão de eu ter estudado, parado de estudar muito tempo, né? E por eles já está saindo da escola, agora. Então, quando você tem um estudo quebrado, você, tipo, fazia dois anos em um, aí fica mais difícil, né? Você não aprende tudo, fica muita coisa faltando. Então, eu tive e estou tendo muita dificuldade, na realidade. (ROSA)

E Lavanda também apontou a fragilidade do ensino ofertado para ela na EJA:

No início, eu não tinha parado para pensar nisso, não, que era um déficit né que a gente tem, que a gente carrega por ser aluno da EJA; mas, depois, quando a gente vai se aprofundando no terceiro, quarto período, a gente vê que, de fato, são problemas que a gente carrega de um ensino mal estruturado. (LAVANDA)

Os fatores apontados por Rosa e Lavanda nos relevam um outro ponto de vista sobre a EJA: apesar de se tratar de uma modalidade que oportuniza a conclusão da Educação Básica de forma mais reduzida, também direciona para uma aprendizagem deficitária. Essas “[...] lacunas deixadas na formação precedente marcam

implacavelmente a vida acadêmica [...]” (ZAGO, 2006, p. 233), ampliando os desafios do estudante advindo da EJA quando acessam o Ensino Superior.

As falas de Lírio e Margarida enfatizam a dificuldade com a escrita e interpretação,

A maior dificuldade foi a dificuldade de interpretar textos e escrever, escrever resenhas, escrever resumos, escrever artigos e o mito do TCC que, desde o primeiro momento, começa aquele negócio. E, aí, quando a gente tem essas dificuldades ali no dia a dia, meu Deus!, termina sendo um tormento, né? Então, escrever e interpretar. (LÍRIO)

De escrever, principalmente, que eu não tinha o hábito. Eu não sabia como era a escrita acadêmica, eu não sabia como fazer praticamente nada, né?, eu estava super leiga, eu me sentia super deslocada em relação ao pessoal que falava, que argumentava, que perguntava e eu ficava, ali, tentava, né? Muitas vezes, tentava, mas aquele medo da gente está falando alguma coisa que é errada, é muito grande. Então, a gente fica com aquele receio, “Meu Deus!, eu estou pagando mico aqui, na frente, de todo mundo, falando alguma coisa que não tem nada a ver”. Eu, tipo, me segurava muito também. (MARGARIDA)

O desenvolvimento acadêmico dos alunos está diretamente ligado com “[...] o desafio da permanência dos estudantes das camadas populares e egressos de escolas públicas que chegam, muitas vezes, com vazios de saberes na sua formação e que enfrentam diversas dificuldades para permanecer e concluir seus cursos em bons termos” (PORTES; SOUSA, 2012, p. 8). Essas lacunas deixadas na Educação Básica não são uma característica apenas dos/as estudantes da EJA. Mesmo a educação pública e de qualidade sendo prevista pela Constituição Federal 1988, no relato dos entrevistados, observamos que a qualidade deixa a desejar, uma brecha deixada na Educação que acompanha os educandos até o Ensino Superior, implicando no seu desenvolvimento acadêmico.

Conforme os entrevistados destacaram, reforço que as dificuldades nos períodos iniciais com relação a escrita acadêmica e interpretação de texto são muito desafiadoras. Os professores precisam estar atentos aos alunos ingressantes no Ensino Superior, pois nem todos os estudantes têm o letramento científico que é esperado por muitos docentes. Então nesse espaço também observamos um princípio meritocrático que de acordo com Dubet (2004, p. 543) “[...] pressupõe que todos os alunos estejam envolvidos na mesma competição e sejam submetidos às mesmas provas. Ora, as diferenças se aprofundam rapidamente, e alguns alunos parecem incapazes de continuar competindo”. As oportunidades não são iguais para todas as pessoas, como vimos nos tópicos anteriores, os estudantes advindos da EJA

carregam marcas de exclusões, discriminações e negações de direito, não se pode definir que todos os ingressantes da universidade tiveram uma aprendizagem significativa.

4.3.2 Acolhimento da Instituição

Na UFPB e especificamente no curso de Pedagogia, temos para os ingressantes um momento de acolhida, que costuma acontecer no primeiro dia de aula. Entretanto, não é apenas desse momento que estaremos nos referindo e analisando nesse tópico, buscaremos apresentar como foi o acolhimento de maneira geral por parte da instituição e dos professores para os participantes. Rosa enfatizou que a acolhida foi muito boa:

Foi muito bom, fui muito bem acolhida, por vários professores. Com a questão de quando voltou presencial, também, a gente teve acolhimento muito gostoso. Então foi bom, foi muito bom. (ROSA)

E Orquídea destacou o quanto foi bom ter pessoas da sua idade também na universidade:

Muito bem acolhida. Eu também fiquei muito feliz, porque eu vi pessoas da minha idade e até mais velho do que eu, lá dentro, também, com um livro na mão para lá e para cá, e sorridente e tudo. Foi um período mais, eu diria, que maravilhoso na minha vida sabe? O acolhimento de lá foi muito bom, todos os professores. (ORQUÍDEA)

Esse acolhimento da instituição e dos professores é muito importante para garantir o bem-estar dos alunos. No caso de Orquídea, ver pessoas da mesma idade que a sua ocupando o espaço universitário causou felicidade e inspiração.

Entretanto, para Lavanda, o acolhimento não existiu:

Foi zero, para mim. Eu digo que foi zero, principalmente por conta de um professor, que eu não vou dizer o nome dele, do primeiro período. É que ele é nada acolhedor, para não dizer muito, né? Ele não é nada acolhedor. 'Você não sabe de nada, você não viu nada'. Só não usou o termo burra, né?, para não deixar lá no fundo do poço, mas nada de acolhedor, nem acolhedor, nem esclarecedor. Zero acolhimento, aqui. (LAVANDA)

O relato de Lavanda com relação ao acolhimento, está estritamente relacionado a uma experiência com um professor. É interessante ressaltar que as “[...] relações de poder permeiam a estrutura universitária [...] seja pelas relações intrínsecas entre professor e aluno, seja a partir da postura pedagógica adotada pelo educador.” (RONCAGLIO, 2004, p, 104). No caso apontado por ela, podemos perceber que o

professor tem uma prática “extremamente ríspida”, em que apenas ele é detentor do conhecimento.

A situação vivenciada por Lavanda aconteceu no primeiro período, assim que ingressou no espaço universitário, Freire (2013, p. 14) enfatiza que “não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos”. Lavanda possuía conhecimentos. No Ensino Superior temos jovens, adultos e idosos, não são livros vazios que não vivenciaram nada, são pessoas que estavam inseridas em diversos espaços, e que possuem diferentes saberes.

Margarida também destaca o acolhimento por parte da instituição apontando o relacionamento com os professores:

Depende muito dos professores, porque tem professor que você conta. Eu acho, assim, que os professores universitários, eles não querem saber da sua vida, eles estão ali para fazer o trabalho deles, dar o conteúdo deles e pronto. Mas a gente tem professores, sim, que procuram saber quais são as suas dificuldades, ‘ah, porque você não conseguiu fazer isso?’, ‘ah, porque você teve isso?’. Se você chegar e conseguir conversar com ele, se você chegar, ‘olha, professora, eu sou assim, eu não consegui terminar o Ensino Médio como as outras pessoas, eu sou a primeira pessoa da minha família em universidade’. Enfim, eles vão meio que ter uma ideia, né?. Alguns podem, tipo, ‘ah, nossa parabéns, eu vou ver seus avanços no decorrer do semestre’, mas outros não se importam. (MARGARIDA)

E Lírio relata uma experiência positiva ao tratar o acolhimento por parte dos professores:

Mas, aqui eu encontrei, a solidariedade de algumas professoras. Então, eu encontrei uma professora dentro do primeiro semestre que é a que me inseriu em grupos de pesquisas. Essa me acolheu, literalmente. Sentou comigo e me dizia ‘olha’ – ela vendo as minhas dificuldades de escrever e de interpretar. ela ‘olha, veja, é assim que se escreve’. Escrevia comigo e me mandava escrever e era quase como alguém que está no beabá. Essa me marcou profundamente, essa me acolheu. Claro que ela era e é uma profissional da instituição, mas é muito, foi muito mais dela, do que da estrutura, do que do esquema, entende? Então me dava livros, me presenteava, me ‘entre aspas’, me impunha responsabilidade, me instigava, me levava pra os eventos que ela dava palestra, eu ia com meus brinquedos expor. Me sentia dentro desse processo. Essa me incluiu para além dos muros da própria universidade. (LÍRIO)

Na fala de todos os entrevistados percebemos que o acolhimento é direcionado ao relacionamento com os professores, e que dependendo do professor esse acolhimento pode ser muito bom, possibilitando que os alunos evoluam e se sintam motivado; ou pode ser negativo, gerando traumas, incertezas e sensações de incapacidade. Freire (2013, p. 15) destaca que “[...] não podemos nos colocar na

posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo”. Os entrevistados reafirmam esse pensamento nos mostrando que temos professores na posição de “superiores” e outros na posição “humilde”.

Esses relatos nos fazem questionar se a universidade conhece quem são as pessoas que estão nesse espaço. “A Pedagogia, em especial, deve indagar sobre quais conhecimentos os “passageiros da EJA” carregam em suas bagagens ao acessar o Ensino Superior” (REIS; MUNIZ, 2021, p. 7). De forma que esses sujeitos possam também na universidade aproveitar e valorizar os conhecimentos adquiridos com a experiência de vida.

Lírio apesar de ter conseguido um relacionamento positivo com uma professora, em sua fala, questionou a organização da universidade:

Assim, a forma que a universidade está organizada, ela não é acolhedora, não. Ela é para elite. O modelo é o mesmo. Então, para a gente com essas dificuldades todas que a gente chega aqui, enquanto trabalhador, filho de trabalhador, ela, por mais que esteja aí e tal, que a gente se sente nas cadeiras igual aos outros, mas, na verdade, ela é feita para quem não trabalha, para quem pode ficar aqui dia e noite. Ela não é feita para quem, de alguma maneira, adoeceu, tem algum problema de qualquer ordem. Ela é feita para quem tá bem direitinho e tem condições de estar aqui né. (LÍRIO)

O questionamento e colocação de Lírio é primordial para essa discussão. Mais uma vez somos direcionados a refletir que as oportunidades não são as mesmas para todas as pessoas. O jovem, o adulto trabalhador da EJA também está presente no Ensino Superior, acreditamos que “A instituição deve conhecer quem é seu público para intervir com práticas de ensino que atendam as demandas desses estudantes” (REIS; MUNIZ, 2021, p. 3) possibilitando condições para todos que estão na universidade, diminuindo a desigualdade presente nesse espaço. Acreditamos que,

Se a universidade quiser contribuir com o resgate social da população adulta, talvez seja necessário reconstruir ou construir políticas pedagógicas capazes de potencializar novas formas de aprendizagens relacionadas às suas expectativas/perspectivas de trabalho, de participação e intervenção social ou mesmo de realização de ideais, estimulando o seu ingresso e a sua permanência. (PRESTES *et al*, 2013, p. 211-212).

O estudante da EJA estar presente no Ensino Superior, sem dúvidas é um grande avanço, porém como Prestes *et al*. destacam, o sistema universitário precisa repensar as suas políticas pedagógicas e colocar em práticas ações que viabilizem o ingresso e permanência dos estudantes, proporcionando que esse espaço e todos

que o compõe sejam acolhedores e reconheçam esses sujeitos com as suas especificidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desse trabalho oportunizou analisar o processo de inserção dos estudantes advindos da EJA no Ensino Superior, especificamente no curso de Pedagogia – Presencial, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. Dessa forma, foi possível, a partir do referencial teórico e da pesquisa de campo cumprir com os objetivos proposto no processo introdutório desse estudo. Sobre as características dos sujeitos que frequentam a EJA, constatamos que são pessoas advindas das classes populares e que essa modalidade abrange na sala de aula um público muito diverso, de jovens e adultos com diferentes expectativas com relação a vida, vindos de contextos de luta, adaptação e busca por direitos que lhes foram negados.

Os aspectos que contribuem para essas pessoas buscarem acessar o Ensino Superior estão inteiramente ligadas a motivação proporcionada enquanto ainda estão na Educação Básica, por parte da escola e principalmente pelos professores que com suas práticas podem motivar os estudantes enxergarem novas possibilidades, além da aquisição do certificado de conclusão.

Ao analisar como acontece o acesso dessas pessoas no espaço acadêmico, se tratando da matrícula, os resultados obtidos revelam um processo que ainda contém muitas falhas, que podem resultar na desistência desses estudantes ainda no processo de matrícula. Nas falas dos entrevistados, os que mais encontraram dificuldades foram os que o ingresso se deu a partir do sistema de cotas.

São muitos os desafios de permanência que os sujeitos advindos da EJA encontram ao acessar o Ensino Superior. Diante das respostas obtidas nas entrevistas, é possível constatar que o processo de inserção para esses sujeitos ainda carece de ações que não permeie apenas o acesso, mas, sim, que objetive e crie possibilidades de permanência. Nos resultados da pesquisa há indícios de reduzida atenção por parte da instituição quando se trata das dificuldades que essas pessoas enfrentam, ao terem que conciliar o trabalho, estudo e família.

A garantia da permanência dos estudantes por parte da universidade, incluímos aqui os professores, é um fator que precisa de reflexão e melhorias concretas. Os estudantes advindos da EJA que conseguem ingressar no Ensino Superior, para terem um “acolhimento bom” em sala de aula, dependem da postura do professor. Se estes possuem uma abordagem humanizada que busquem reconhecer a trajetória

dos que estão em sala de aula, o acolhimento acontece de maneira “positiva”. Entretanto, se o docente carrega uma postura de “ser superior”, detentor de todo conhecimento, acaba descartando o percurso dos estudantes e desvalorizando seus saberes.

Vivenciei essa situação assim que ingressei no Ensino Superior, que quase me fez desistir,

Na disciplina de um determinado professor, o método utilizado por ele para avaliação consistia na escrita de um texto, e a pergunta que norteava a escrita era relacionada aos textos utilizados em sala. Então, ele trabalhava esses artigos durante um tempo, passava uma prova e você escrevia o texto com a sua interpretação. Apesar de se tratar de um método comum na universidade, o aluno ter de ler, interpretar e expor sua opinião. Era uma novidade para mim, pois quando estudei, nunca fiz uma prova assim. Na Educação Básica, eu não costumava interpretar um texto e, sim, decorar e responder com as mesmas palavras do livro. Recebi a primeira prova e fiquei com a nota seis; a segunda avaliação foi do mesmo jeito. Realizei a avaliação com algumas mudanças e esperei que estivesse de acordo com o que o professor solicitava. No dia de devolver as avaliações, o professor entregou as provas corrigidas e decidiu me expor para todas as pessoas que estavam na sala. Tirei seis e meio, que para mim foi uma vitória, considerando representar minhas primeiras avaliações no Ensino Superior. Entretanto a fala do professor na frente de todos não condizia com o meu sentimento, ele falou coisas que ficaram marcadas até hoje, lembro bem de sua fala quando disse “Pessoal não sejam como Denyse, Denyse não evolui, ela não soube responder a prova, ela não sabe interpretar texto, apenas escreve coisas que já estão nos textos.” Eu me senti extremamente constrangida por ter minhas dificuldades expostas diante da turma. Naquele momento, eu só queria correr da sala e nunca mais voltar para aquele espaço. Foram mais de 20 minutos falando sobre a minha prova e durante toda a aula ele ainda me usava como exemplo a não ser seguido. (RELATO PESSOAL)

A exposição desse relato é apenas para reafirmar o quanto o desenvolvimento acadêmico é desafiador, e como esses primeiros períodos podem ser definitivos para o ingressante do Ensino Superior. Eu fui uma estudante da EJA, eu precisei conciliar estudo e trabalho ainda na Educação Básica. Eu cheguei na universidade com diversas lacunas e nada disso foi questionado pelo professor, ele não conhecia a minha trajetória e, por não se preocupar com isso, quase me fez desistir de um sonho que lutei muito para concretizar.

Neste sentido, a pesquisa desenvolvida e os resultados obtidos foram importantes para mostrar qual a trajetória dos sujeitos advindos da EJA em um curso específico da instituição, proporcionando assim uma reflexão acerca de como a universidade e todos que a compõem são essenciais para possibilitar um ambiente não só acolhedor, mas que auxilie esses estudantes na sua permanência. Com as entrevistas, conseguimos conhecer o ponto de vista de diferentes pessoas advindas

da mesma modalidade, o que nos mostrou que, apesar da EJA atender um público diverso, quando estes sujeitos estão na universidade enfrentam outras dificuldades no desenvolvimento acadêmico e na permanência, incluindo a formação profissional.

Diante disso, reconhecer a conquista desses estudantes e entender a trajetória deles ainda nos primeiros períodos é essencial, considerando ser nessa etapa que eles se deparam com as mais diversas dificuldades de permanência. É importante que a universidade possa propiciar ações que diminuam a desigualdade presente nesse espaço, reavaliando sua proposta pedagógica, a grade curricular do curso, gerando oportunidades para que todos possam participar das atividades propostas pela instituição e professores, e não aumentar essa diferença entre os que só estudam e os que precisam conciliar trabalho, família, atividades domésticas e estudos. Dessa forma, esperamos que essas análises e resultados possam contribuir com alguns avanços.

Por fim, ressalto a contribuição desse trabalho para minha vida pessoal e profissional. Realizar essa pesquisa me possibilitou refletir sobre a minha trajetória junto à vivência de outras pessoas que passaram por situações parecidas e até iguais a minha, enquanto estudante advinda da EJA. Desenvolver esse trabalho me mostrou que sou pertencente desse lugar, assim como qualquer outro. Apesar das dificuldades encontradas para permanecer no Ensino Superior, as aprendizagens proporcionadas nesse espaço acadêmico por professores humanizados foram essências para despertar o meu senso crítico e reflexivo, e são essas experiências que espero repassar enquanto Pedagoga.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa.** Petrópolis: Vozes, 2017.

ARAUJO, Luciana Rodrigues de. **Desafios e dificuldades dos jovens das classes populares no ensino superior público.** Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2012. Disponível em: <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/LRA.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDBEN. 9394/1996. BRASIL.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Parecer nº 11/2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.

BRASIL. **Lei nº. 12.711.** Brasília, 29 de ago. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 15 mar. 2023.

BRASIL – **Presidência da República** - Decreto nº 6.096, disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm. Acesso em 31 mar. 2023.

BRASIL. Universidade Federal da Paraíba. Centro de Educação. **Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia.** 2006. Disponível em: https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/2017141123ae8d4679089fd3f5184b0d/PPC_Pedagogia._Currulo_2006.pdf. Acesso em: 22 Abr. 2023.

CAMARGO, Janira Siqueira. A mulher nos documentos da educação de Jovens e Adultos e Adultas. **Revista Ártemis**, Edição, v. 14, p. 155-163, 2012. Disponível em: http://www.sies.uem.br/anais/pdf/genero_e_identidade_de_genero/5-14.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

CASTRO, F.S. **A Educação de Jovens e Adultos em Teresina (PI):** contradições entre a proclamação do direito e a efetivação da oferta. 2020. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Piauí, Piauí. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9940500. Acesso em: 20 mar. 2023.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DUBET, François. **O que é uma escola justa?** Tradução de Édi Gonçalves de Oliveira e Sérgio Cataldi. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 34, n. 123, p. 539-555, set./dez. 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: atlas, 2008.

LIMA, M. C. A.; MELO, R. de J. S. Um olhar sobre a trajetória histórica e as características da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Ensino em Re-Vista**, v. 26, n. 2, p. 572–589, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/49347>. Acesso em: 12 mar. 2023.

LÜDKE, M. André MEDA. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo (SP): EPU; 1986

MAGGIE, Yvonne; FRY, Peter. A reserva de vagas para negros nas universidades brasileiras. **Estudos avançados**, v. 18, p. 67-80, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9971>. Acesso em: 22 mar. 2023.

MARTINS, Janiele Rodrigues. **Juvenilização na educação de jovens e adultos: a escola da “segunda chance”**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14221>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PALÁCIOS, K. C. M.; REIS, M. das G. F. de A. dos; GONÇALVES, J. P. A mulher e a educação escolar: um recorte da EJA na atualidade. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, MG, v. 16, n. 3, p. 104–121, 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reeducpop/article/view/39169>. Acesso em: 15 mar. 2023.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. Tradução de Dirceu Lindoro e Rosa M. R. da Silva. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1970.

PRESTES, E. M. da T.; SOUSA, Ítalo E. M.; BEZERRA, J. C. A.; SILVA, S. K. de O. Educação e Aprendizagens de Adultos no Espaço da Universidade. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 208–223, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/17792>. Acesso em: 20 fev. 2023.

REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira; MUNIZ, Roberta de Jesus. Passageiros da EJA para o Ensino Superior: quais trajetórias carregam em suas bagagens?. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 15, p. e4585071-e4585071, 2021. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4585>. Acesso em: 20 fev. 2023.

RONCAGLIO, Sônia Maria. **A Relação Professor-Aluno na Educação Superior: A Influência da Gestão Educacional**. Psicologia Ciência e Profissão, p. 100-111, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000200011>. Acesso em: 20 mai. 2023.

SALES, Sandra; PAIVA, Jane. **As muitas invenções da EJA**. In: AAPE/EJA DOSSIÊ II. Arizona/EUA. jun.2014, v. 22, nº 58, p.1-19.

SOUZA, Antônia Maria de. **Educação de jovens e adultos**, 2. ed. Curitiba: Ibpex, 2011.

SOUSA, Letícia Pereira; PORTES, Écio Antônio. As propostas de políticas/ações afirmativas das universidades públicas e as políticas/ações de permanência nos ordenamentos legais. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 92, n. 232, p. 516-541, set./dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.92i232.665>. Acesso em: 10 mai. 2023.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11 n. 32, p. 226-238, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000200003>. Acesso em: 10 mai. 2023.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro para entrevista

- Que séries você estudou na EJA?
- Quais foram os motivos que te direcionaram para estudar na EJA?
- Por que você parou de estudar anteriormente? E o que te motivou a voltar a estudar?
- Quais aspectos contribuíram para você escolher ingressar no Ensino Superior? Houve alguma motivação por parte da escola?
- Por que você escolheu o curso de Pedagogia?
- Como aconteceu o processo de matrícula, teve algum desafio?
- Quais os desafios ultrapassados para você estar permanecendo no Ensino Superior?
- Estando na sala de aula, você conseguiu perceber alguma dificuldade por ter sido estudante da EJA que os/as alunos/as do ensino dito como regular não apresentaram?
- Como foi o acolhimento por parte da instituição para você?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento livre e esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu _____ em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da pesquisa de TCC que tem como tema **“As experiências dos estudantes da EJA ao ingressar no curso de pedagogia na UFPB”**.

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho **“As experiências dos estudantes da EJA ao ingressar no curso de pedagogia na UFPB”** terá como objetivo geral **analisar o processo de inserção dos estudantes advindos da EJA no ensino superior**. Ao voluntário só caberá a autorização para ser entrevistado tendo suas respostas gravadas, de forma que não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número **(083) 9 _____** com **Denyse Silva dos Santos**.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com a pesquisadora, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

_____ de _____ de 2023

Assinatura